

**DISCURSOS DE INTÉRPRETES DE LIBRAS NÃO HETERONORMATIVOS:
UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB A PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

*DISCOURSES OF NON-HETERONORMATIVE LIBRAS INTERPRETERS:
A CRITICAL ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS*

Saionara Figueiredo Santos¹

RESUMO

Este artigo investiga os discursos de intérpretes de Libras que não se identificam com padrões heteronormativos, a partir da perspectiva teórico-analítica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Por meio da análise de trechos de entrevistas (Santos, 2019), foram identificados processos linguísticos relacionados às metafunções ideacional e interpessoal, especialmente no que tange à transitividade e ao sistema de avaliatividade. Os resultados apontam para a existência de tensionamentos discursivos marcados por julgamentos, afetos e tentativas de delimitação identitária por parte de membros da própria comunidade surda. A análise revelou como esses intérpretes constroem estratégias discursivas para afirmar sua identidade profissional, resistir a estigmas e estabelecer limites nas relações interpessoais. Conclui-se que a linguagem, nesse contexto, funciona como espaço de negociação de sentidos e de resistência a normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional. Análise crítica do discurso. Intérpretes de Libras. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

This article investigates the discourses of Brazilian Sign Language (Libras) interpreters who do not conform to heteronormative standards, using the theoretical-analytical framework of Systemic Functional Linguistics (SFL). Through the analysis of interview excerpts (Santos, 2019), linguistic processes related to the ideational and interpersonal metafunctions were identified, especially regarding transitivity and the appraisal system. The results indicate the presence of discursive tensions marked by judgments, affect, and attempts at identity delimitation by members of the Deaf community itself. The analysis revealed how these interpreters construct discursive strategies to affirm their professional identity, resist stigmas, and establish boundaries in interpersonal relationships. It is concluded that language, in this context, functions as a space for negotiating meaning and resisting hegemonic norms of gender and sexuality.

KEYWORDS: Systemic Functional Linguistics. Critical Discourse Analysis. Libras interpreters. Gender. Sexuality.

1. Apontamentos introdutórios sobre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por M.A.K. Halliday, constitui uma abordagem teórica que compreende a linguagem como um sistema sócio-semiótico, voltado não apenas à estrutura da língua, mas às funções que ela desempenha nas interações humanas. Essa perspectiva

¹ Professora e Investigadora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Palhoça Bilíngue. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tradutora e Intérprete de Libras, saionara.figueiredo@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-4522-5476>.

destaca a linguagem como uma prática social, moldada por contextos culturais e situacionais, o que a torna especialmente relevante para a análise de discursos de identidades subalternizadas, como é o caso de intérpretes de Libras não heteronormativos.

Halliday & Hasan (1989) explicam que a linguagem possibilita a experiência de mundo e a interação social, sendo, portanto, uma ferramenta essencial para compreender como os sujeitos se posicionam discursivamente em diferentes esferas da vida social. A partir dessa concepção, a LSF permite observar como as escolhas lexicais e gramaticais não são aleatórias, mas sim reflexo de posicionamentos, relações de poder e ideologias que atravessam os textos – sejam eles escritos, orais ou visuais.

A análise linguística, nesse modelo, considera que o texto é a materialização da linguagem em uso, e que sua construção se dá em múltiplos níveis: semânticos, léxico gramaticais e fonológicos. Cada estrato opera de forma interdependente e está inserido em contextos específicos – o da situação e o da cultura –, os quais influenciam diretamente as escolhas linguísticas realizadas (Santos, 2019). Como afirma Gouveia (2009), é no discurso que o sujeito manifesta sua identidade, suas intenções e, muitas vezes, suas estratégias de resistência frente às normas sociais vigentes.

Nesse sentido, a LSF ofereceu para minha tese de doutorado, em 2019, um instrumental poderoso para investigar como intérpretes de Libras não heteronormativos performam suas identidades de gênero em meio a práticas linguísticas marcadas por normatividades e tensões (Santos, 2019). O campo, as relações e o modo – categorias funcionais propostas por Halliday – tornam-se caminhos analíticos para interpretar o que está sendo feito no discurso (campo), quem são os participantes e como se relacionam (relações) e por meio de que canais a linguagem é realizada (modo), incluindo aqui o espaço da Libras enquanto modalidade visual-gestual.

Com o avanço das tecnologias, os estudos linguísticos passaram a contar com ferramentas mais precisas para coleta e análise de dados. O uso de *corpus*, sejam escritos ou orais, possibilita observar o uso autêntico da linguagem em contextos espontâneos. Halliday e Matthiessen (2014) destacam que os *corpus* atuais, ao preservarem aspectos como ritmo, entonação e naturalidade da fala, revelam camadas significativas de sentido que antes eram subestimadas. Isso é particularmente relevante quando se consideram línguas visuais como a Libras, cujos elementos expressivos não se reduzem à forma gramatical tradicional.

Assim, este artigo propõe refletir sobre os discursos de tradutores e intérpretes de Libras que se identificam fora da heteronormatividade, a partir das ferramentas teóricas e analíticas da Linguística Sistêmico-Funcional, a partir dos dados coletados em 2019 (Santos, 2019). Ao observar as formas pelas quais esses sujeitos constroem sentidos e performam identidades por meio da linguagem, buscamos compreender as práticas discursivas como espaços de (re)existência, enfrentamento e ressignificação de normas. Como destaca Meurer (2007), analisar textos sob o viés funcional significa compreender as relações entre linguagem, poder e identidade em suas múltiplas camadas e contextos.

2. Contribuições da LSF para a Análise Crítica do Discurso

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), conforme desenvolvida por Halliday e colaboradores, permite compreender a linguagem não apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas como um sistema semiótico que opera em contextos sociais dinâmicos. Nesse modelo, o texto é entendido como a materialização da linguagem em uso, sendo construído simultaneamente em vários níveis – fonológico, léxico-gramatical e semântico –, todos articulados ao contexto imediato (situação) e mais amplo (cultura).

Cada escolha feita pelo falante ou produtor textual está ancorada em uma rede de significações, e a análise funcional busca justamente entender como esses elementos produzem sentidos. A partir das metáforas sistêmicas de Halliday e Matthiessen (2004), pode-se afirmar que toda oração realiza simultaneamente três metafunções: a textual (como a informação é organizada), a interpessoal (como se estabelecem relações sociais e posicionamentos) e a ideacional (como se representa a experiência). Este último aspecto é central para esta pesquisa, pois trata da forma como os intérpretes constroem e experienciam suas identidades discursivas (Santos, 2019).

Para aprofundar essa compreensão, é necessário considerar as variáveis fundamentais do contexto de situação propostas por Hasan (1989): o campo (o que está acontecendo), as relações (quem participa e quais papéis desempenham) e o modo (como a linguagem é transmitida e organizada simbolicamente). Essas variáveis influenciam diretamente as escolhas linguísticas e os registros utilizados, sendo especialmente relevantes para analisar discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos, cujo posicionamento pode se dar por meio de marcas léxico-gramaticais sutis, mas politicamente significativas.

Meurer (2007) destaca que qualquer texto pode ser analisado com base nessas três dimensões contextuais, o que permite observar não apenas a superfície linguística, mas as ideologias que a sustentam. Por exemplo, o campo determina o conteúdo temático, enquanto as relações estabelecem as hierarquias e o grau de formalidade ou intimidade entre os participantes. O modo, por sua vez, diz respeito ao canal comunicativo (oral, escrito, visual-gestual, como é o caso da Libras) e à função retórica do texto, influenciando sua estrutura composicional (Santos, 2019).

Halliday e Matthiessen (2014) destacam a importância da espontaneidade discursiva capturada nos *corpus* orais, ainda que apresentem desafios na transcrição de entonações e ritmos. O *corpus*, seja oral ou escrito, deve ser representativo do uso genuíno da linguagem, pois é no uso cotidiano que os sujeitos expandem suas possibilidades de significação – inclusive aquelas relacionadas às suas identidades.

A autenticidade dos dados é, portanto, um elemento-chave na análise linguística de discursos. A fala espontânea e monitorada oferece pistas ricas sobre as escolhas linguísticas feitas em tempo real, refletindo o engajamento do sujeito com o mundo e com o outro. É nesse ponto que a LSF encontra forte intersecção com a Análise Crítica do Discurso: ao focar nas práticas sociais por meio da linguagem, permite-se analisar como as normas são reforçadas ou subvertidas.

Nesta pesquisa, a atenção está voltada para dois sistemas específicos da LSF: o da transitividade, que expressa as experiências do mundo por meio de processos, participantes e circunstâncias (metafunção ideacional), e o de engajamento, associado à metafunção interpessoal, que permite observar o posicionamento dos sujeitos em relação ao conteúdo e aos interlocutores. Essa escolha se justifica pelo objetivo de compreender como tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos performam suas identidades discursivas por meio da linguagem e como seus discursos se posicionam frente às normatividades de gênero dominantes (Santos, 2019).

Neste sistema, as funções experienciais são significadas por meio de seis processos, que serão utilizados neste artigo:

Quadro 1: Processos que significam as funções experienciais.

TIPOS DE ORAÇÕES	SIGNIFICADO
MATERIAL	FAZER, ACONTECER E CRIAR
RELACIONAIS	ATRIBUIR CARACTERÍSTICA E IDENTIFICAR
MENTAIS	PERCEBER, PENSAR, SENTIR, DESEJAR
VERBAIS	DIZER
COMPORTAMENTAIS	COMPORTAR-SE
EXISTENCIAIS	EXISTIR

Fonte: Santos (2019), a partir de Lima, Fuzer e Faccin (2012).

As estruturas léxico-gramaticais que compõem o sistema de transitividade englobam, entre outros aspectos, o uso das circunstâncias, que auxiliam na representação detalhada dos participantes, ações e contextos nos quais ocorrem os processos linguísticos. Essas circunstâncias contribuem para expressar elementos como espaço, causa, modo, finalidade e resultado, revelando não apenas quem realiza determinada ação, mas também quem ou o quê está envolvido nos processos. A seguir, são apresentadas as principais categorias que compõem essa classificação.

Quadro 2: Categorias de classificação de orações na Transitividade.

Tipos de Orações	Tipos de Participantes
MATERIAIS	ATOR, META, ESCOPO, BENEFICIÁRIO, ATRIBUTO
RELACIONAIS	PORTADOR E ATRIBUTO, IDENTIFICADO E IDENTIFICADOR, POSSUIDOR E POSSE
MENTAIS	EXPERIENCIADOR E FENÔMENO
VERBAIS	DIZENTES, VERBIAGEM, ALVO E RECEPTOR
COMPORTAMENTAIS	COMPORTANTE E COMPORTAMENTO
EXISTENCIAIS	EXISTENTE

Fonte: Santos (2019), a partir de Lima, Fuzer e Faccin (2012).

Além disso, essas estruturas também estão diretamente envolvidas na representação de experiências discursivas. Por meio de categorias como processos, participantes e circunstâncias, é possível descrever, analisar e compreender as escolhas linguísticas que os sujeitos fazem ao se posicionar socialmente. Essas escolhas incluem informações sobre tempo, lugar, causa, finalidade, modo e relações sociais, permitindo identificar quem realiza a ação, quem participa dela e em que condições ela ocorre.

A partir dessa base teórica, torna-se viável investigar como diferentes aspectos são mobilizados nas práticas discursivas. Como enfatizam Halliday e Hasan (1989), o discurso é sempre fruto de negociações entre elementos sociais e linguísticos, e as relações interpessoais são estabelecidas, mantidas ou contestadas por meio da linguagem. Assim, através das escolhas lexicais e sintáticas, é possível inferir sentimentos, posicionamentos e valores, o que reforça a pertinência da LSF como metodologia analítica.

Diversos autores (Halliday, 1978; Hasan, 1996; Martin, 1984; Eggins, 1994; Heberle, 2017) reforçam que a análise textual só é plena quando atenta ao contexto da situação e da cultura. A linguagem se manifesta como uma prática social (Webster, 2009), sendo simultaneamente um meio de representação simbólica e um instrumento de organização social. Heberle (2017) destaca que a LSF permite descrever padrões linguísticos de maneira detalhada e sistemática, sendo especialmente eficaz na análise de gêneros e práticas discursivas diversas.

Nesse contexto, Fairclough (1989, 1992, 2001) propõe uma articulação entre a LSF e a Análise Crítica do Discurso (ACD), apontando que os discursos são ao mesmo tempo textos, práticas discursivas e práticas sociais. A dimensão textual diz respeito à estrutura linguística; a prática discursiva envolve os processos de produção e interpretação; e a prática social considera os aspectos institucionais e ideológicos subjacentes.

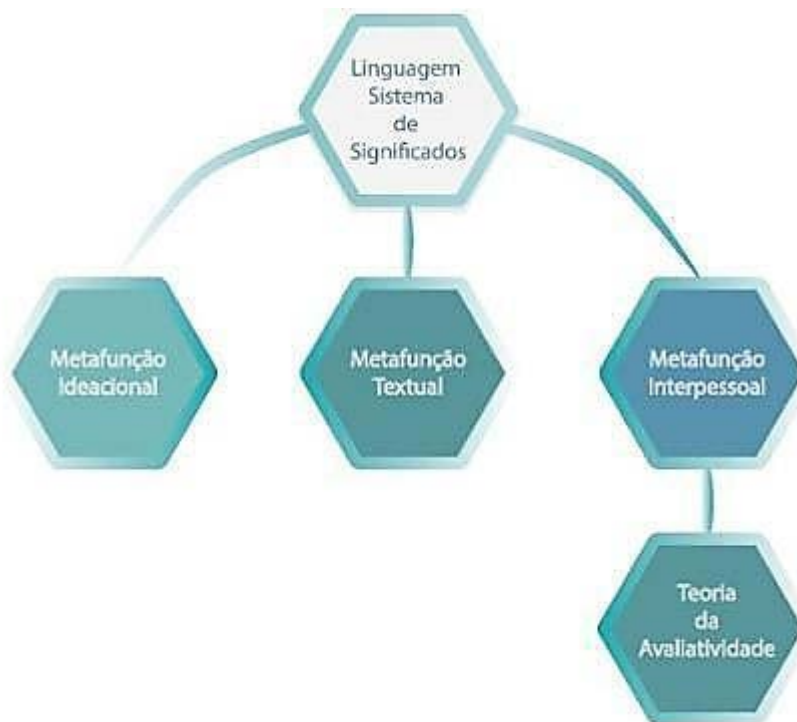
Essa visão dialética do discurso permite reconhecer a interação entre os contextos e os sujeitos. Como argumenta Bakhtin (1992), os gêneros do discurso são moldados por esferas sociais específicas e refletem relações culturais e ideológicas. Fairclough (2003) amplia essa compreensão ao discutir a existência de cadeias de gênero, nas quais diferentes gêneros se interconectam e sofrem transformações, resultando em hibridismos discursivos.

A gramática, nesse sentido, é compreendida como elemento central na construção de significados ideacionais e interpessoais. Conforme Halliday & Matthiessen (2004), a metafunção ideacional está relacionada à representação da experiência, enquanto a metafunção interpessoal trata da negociação de relações e atitudes. Ambas são organizadas e contextualizadas pela metafunção textual, que determina como a mensagem é apresentada.

Fuzer e Cabral (2012) reforçam que cada metafunção se realiza por sistemas léxico-gramaticais específicos: a ideacional (experencial) pelo sistema de transitividade e a interpessoal pelo sistema de modo. A seleção de palavras, portanto, carrega um aspecto valorativo, como observa Bakhtin (2004), que ressalta o papel do acento apreciativo presente em todo enunciado.

Abaixo, trago uma figura que demonstra os tipos de significados, focando no Interpessoal, no qual está incluído a teoria da Avaliatividade:

Figura 1: Tipos de significado, focando na Teoria da Avaliatividade.



Fonte: Santos, 2019.

A partir dessa articulação teórica, é possível investigar como discursos produzem, reforçam ou contestam identidades sociais. A linguagem se torna, portanto, um espaço de disputa simbólica, onde a performatividade discursiva de identidades de gênero não heteronormativas pode ser compreendida como estratégia de resistência, afirmação e reconfiguração de sentidos.

3. O Sistema de Avaliatividade

O sistema de Avaliatividade, no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, permite compreender como as atitudes, sentimentos e valores são expressos linguisticamente. De acordo com Vian Jr. (2012), essa abordagem analítica deve considerar dois eixos fundamentais: sua evolução histórica dentro da LSF e sua articulação com outros sistemas discursivos. Trata-se, portanto, de um modelo interpretativo que, para ser plenamente compreendido, exige a análise contextualizada da linguagem e de suas relações com a cultura e com os demais textos.

Segundo Martin e White (2005), o sistema de Avaliatividade compreende três grandes categorias: atitude, gradação e engajamento. A categoria “atitude” engloba as avaliações de natureza emocional, ética e estética, expressas pelos enunciadores. A “gradação” refere-se à intensidade com que essas

avaliações são realizadas, podendo ser atenuadas ou enfatizadas. Por fim, o “engajamento” analisa o posicionamento do falante frente às ideias apresentadas, indicando se há abertura para outras vozes ou uma contração do espaço dialógico.

Ao tratar da atitude, é fundamental destacar o subsistema do Afeto, que se refere à expressão de emoções, sejam elas positivas ou negativas. White (2004) esclarece que o Afeto envolve manifestações das emoções de quem fala ou de terceiros referenciados no texto. Esse aspecto do discurso manifesta-se por meio de diferentes recursos léxico-gramaticais, como verbos (amar, odiar, irritar), adjetivos (triste, satisfeito), advérbios (infelizmente, alegremente), substantivos (raiva, alegria) e nominalizações (inquietação, felicidade). Martin e White (2005) agrupam essas emoções em três domínios principais: felicidade/infelicidade, segurança/insegurança e satisfação/insatisfação.

O Afeto também pode ser classificado em autoral e não autoral, conforme o grau de envolvimento subjetivo do falante. No primeiro caso, o enunciador revela claramente sua posição emocional, buscando estabelecer uma conexão interpessoal com o interlocutor. Como explica Cabral (2014, *apud* White, 2001), essa estratégia visa gerar empatia e legitimar a validade da emoção expressa. Já no caso do Afeto não autoral, a avaliação emocional é atribuída a terceiros, transferindo ao leitor a decisão de concordar ou não com esse sentimento.

Nessa perspectiva, a análise do Afeto no discurso dos tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos pode revelar nuances importantes sobre como esses sujeitos se posicionam, constroem relações e estabelecem identidades, por meio de escolhas linguísticas carregadas de valor e emoção.

Quadro 3: Opções de verbos, advérbios, adjetivos e nominalizações.

VERBOS DE EMOÇÃO	Processos Mentais - ‘gostar’, ‘odiar’, ‘desanimar’
ADVÉRBIOS	Principalmente os de modo - ‘infelizmente’, ‘amavelmente’
ADJETIVOS	‘aborrecido’, ‘alegre’, ‘satisfeito’
NOMINALIZAÇÕES	‘satisfação’, ‘tristeza’, ‘serenidade’

Fonte: Santos (2019), a partir de Cabral (2007).

O sistema de Avaliatividade, no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, permite compreender como as atitudes, sentimentos e valores são expressos linguisticamente. De acordo com Vian Jr. (2012), essa abordagem analítica deve considerar dois eixos fundamentais: sua evolução histórica dentro da LSF e sua articulação com outros sistemas discursivos. Trata-se, portanto, de um modelo interpretativo que, para ser plenamente compreendido, exige a análise contextualizada da linguagem e de suas relações com a cultura e com os demais textos.

Segundo Martin e White (2005), o sistema de Avaliatividade compreende três grandes categorias: atitude, gradação e engajamento. A categoria “atitude” engloba as avaliações de natureza emocional, ética e estética, expressas pelos enunciadores. A “gradação” refere-se à intensidade com que essas

avaliações são realizadas, podendo ser atenuadas ou enfatizadas. Por fim, o “engajamento” analisa o posicionamento do falante frente às ideias apresentadas, indicando se há abertura para outras vozes ou uma contração do espaço dialógico.

Outra dimensão fundamental da atitude na Avaliatividade é o Julgamento, que diz respeito à avaliação de comportamentos humanos com base em normas sociais e culturais. Essa categoria analisa como o caráter e as ações dos indivíduos são percebidos e julgados, seja por aprovação ou reprovação. Martin & White (2005) e White (2004) apontam que o Julgamento pode se referir a indivíduos ou grupos, e é estruturado por dois grandes domínios: estima social e aprovação social.

A estima social inclui três subcategorias: normalidade (o quanto alguém é comum ou incomum), capacidade (o quanto alguém é competente ou inábil) e tenacidade (o quanto alguém é determinado ou indeciso). Já a aprovação social se relaciona com questões morais e éticas, envolvendo julgamentos sobre sinceridade (honestidade) e propriedade (conduta adequada).

Quadro 4: Julgamentos.

Estima Social	Positiva (admiração)	Negativa (crítica)
NORMALIDADE (costume) ‘O COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO É UM POUCO USUAL, ESPECIAL, COMUM?’	PADRÃO, CORRIQUEIRO, MÉDIO...; SORTUDO, FELIZARDO...; ELEGANTE, AVANT GARDE.	EXCÊNTRICO, ESTRANHO, DISSIDENTE...; AZARADO, INFELIZ...; CAFONA, FORA DE MODA...;
CAPACIDADE (o indivíduo é capaz, competente?)	HABILIDOSO, INTELIGENTE, ENGENHOSO...; ATLÉTICO, FORTE, PODEROSO...; LÚCIDO, CENTRADO...;	BURRO, LENTO, SIMPLÓRIO...; DESAJEITADO, FRACO, SEM COORDENAÇÃO...; INSANO, NEURÓTICO...;
TENACIDADE (resolução) O INDIVÍDUO É CONFIÁVEL, BEM DISPOSTO?	CORAJOSO, VALENTE, HEROICO...; CONFIÁVEL, RESPONSÁVEL...; INCANSÁVEL, DECIDIDO, PERSEVERANTE...;	COVARDE, IMPETUOSO, CABISBAIXO...; POUCO CONFIÁVEL, IRRESPONSÁVEL...; DISTRÁIDO, PREGUIÇOSO, DISPERSIVO...;
Sansão Social	Positiva (elogio)	Negativa (condenação)
VERACIDADE (verdade) ‘O INDIVÍDUO É ÉTICO, ACIMA DA CRÍTICA?’	HONESTO, SINCERO, VERDADEIRO, AUTÊNTICO, GENUÍNO...; FRANCO, DIRETO...;	IMPOSTOR, FALSO...; ENGANADOR, ENROLADOR...;
PROPRIEDADE (ética) ‘O INDIVÍDUO É ACIMA DA MÉDIA	BOM, VIRTUOSO, RESPEITADOR DAS LEIS, JUSTO, CARINHOSO, SENSÍVEL, RESPEITOSO	MAU, IMORAL, LASCIVO, CORRUPTO, INJUSTO, CRUEL MESQUINHO, BRUTO, OPRESSOR.

Fonte: Santos, 2019, a partir de White, 2004.

Assim como no Afeto, o Julgamento pode ser explícito ou implícito. White (2004) explica que, quando explícito, ele se manifesta por meio de itens lexicais marcadamente valorativos. Já quando implícito, o Julgamento é sugerido sutilmente, sendo ativado pelas interpretações do leitor, que preenche as lacunas discursivas com base em normas e convenções culturais.

Cabral (2014) observa que os julgamentos implícitos têm grande força retórica, pois mobilizam repertórios sociais compartilhados sem que o autor precise assumir diretamente o posicionamento. Esse tipo de avaliação, muitas vezes disfarçada de neutralidade, carrega consigo ideologias e valores que são naturalizados no discurso. Portanto, a análise do Julgamento revela não apenas o conteúdo valorativo dos textos, mas os mecanismos de poder, autoridade e legitimidade presentes nas práticas discursivas.

O terceiro subsistema da atitude é a *Apreciação*, que se refere à avaliação de fenômenos, situações e objetos com base em critérios estéticos ou de valor social. Diferente do Julgamento, que se dirige ao comportamento humano, a *Apreciação* recai sobre qualidades percebidas em ações, coisas ou processos. Cabral (2007) explica que a *Apreciação* pode expressar avaliações positivas ou negativas sem que envolvam um juízo moral sobre o sujeito. Assim, pessoas também podem ser apreciadas, mas apenas quando se discutem aspectos estéticos e não suas condutas (White, 2004).

A *Apreciação* é frequentemente utilizada quando o enunciador descreve a beleza, a complexidade ou a importância de algo, estabelecendo vínculos afetivos ou valorativos com o que é dito. Martin e White (2005) classificam esse subsistema em três categorias principais: *reação*, relacionada ao impacto que algo causa emocionalmente (por exemplo, algo tocante ou irritante); *composição*, que avalia a organização, equilíbrio ou complexidade de algo; e *valor*, que analisa a importância ou utilidade percebida de um objeto ou fenômeno.

Quadro 5: *Apreciação*.

	POSITIVO	NEGATIVO
REAÇÃO Impacto 'Isso mexeu comigo?'	CHAMATIVO, CATIVANTE, ATRATIVO...; FASCINANTE, EXCITANTE, COMOVENTE...; ANIMADO, DRAMÁTICO, INTENSO... NOTÁVEL, SURPREENDENTE, SENSACIONAL...	SEM GRAÇA, TEDIOSO, CANSATIVO...; SECO, ASCÉTICO, POUCO ATRAENTE...; UNIDIMENSIONAL, PREVISÍVEL, MONÓTONO...; BANAL, COMUM...
REAÇÃO Qualidade 'Eu gostei disso?'	ADORÁVEL, LINDO, ESPLÊNDIDO...; ATRAENTE, ENCANTADOR, BEM-VINDO...	COMUM, FEIO, GROTESCO...; REPULSIVO, REVOLTANTE, REPELENTE...
COMPOSIÇÃO Equilíbrio 'Isso me parece bem elaborado?'	EQUILIBRADO, HARMONIOSO, UNIFICADO, SIMÉTRICO, BEM PROPORCIONADO...; CONSISTENTE, BEM ELABORADO, LÓGICO...; BEM FORMADO, CURVILÍNEO, LONGILÍNEO...;	SEM EQUILÍBRIO, DISCORDANTE, IRREGULAR, TORTO, IMPERFEITO...; CONTRADITÓRIO, DESORGANIZADO...; MAL FORMADO, AMORFO, RETORCIDO...;

COMPLEXIDADE 'Isso foi difícil de entender?'	SIMPLES, PURO, ELEGANTE...; LÚCIDO, CLARO, PRECISO...; INTRINCADO, RICO, DETALHADO, PRECISO...;	COMPLICADO, EXTRAVAGANTE, BIZANTINO...; MISTERIOSO, OBSCURO, VAGO...; SIMPLES, MONOLÍTICO, SIMPLISTA...;
VALORIZAÇÕES 'Isso valeu a pena?'	PENETRANTE, PROFUNDO...; INOVADOR, ORIGINAL, CRIATIVO...; NO TEMPO CERTO, HÁ MUITO ESPERADO, DIVISOR DE ÁGUAS...; INIMITÁVEL, EXCEPCIONAL, ÚNICO...; AUTÊNTICO, REAL, GENUÍNO...; VALIOSO, DE VALOR INCALCULÁVEL, MERITÓRIO...;	SUPERFICIAL, REDUCIONISTA, INSIGNIFICANTE...; DERIVATIVO, CONVENCIONAL, PROSAICO...; ULTRAPASSADO, FORA DE ÉPOCA, DATADO...; FEITO EM SÉRIE, ORDINÁRIO, COMUM, FALSO ESPALHAFATOSO...; SEM VALOR, DE MÁ QUALIDADE, CARO DEMAIS...;

Fonte: Santos, 2019, a partir de Martin e White (2005).

Essas avaliações ajudam a construir sentidos sobre o mundo, organizando discursivamente percepções culturais sobre o que é considerado belo, relevante, adequado ou digno de reconhecimento. A Apreciação, portanto, se mostra uma ferramenta discursiva potente para a análise de como identidades e valores sociais são comunicados e naturalizados nos discursos.

Quadro 6: Resumo dos subsistemas da Atitude.

AFETO	
Felicidade, Segurança, Satisfação	Infelicidade, Insegurança e Insatisfação
JULGAMENTO	
Estima Social (pessoal e psicológica) Normalidade (a pessoa é especial?) Capacidade (a pessoa é capaz?) Tenacidade (a pessoa é determinada?)	Aprovação Social (moral e legal) Veracidade (a pessoa é honesta?) Propriedade (a pessoa tem um comportamento irreprovável)
APRECIAÇÃO	
Reação Composição Avaliação	Eu gostei? Capturou minha atenção? O texto é coeso? Foi difícil de acompanhar? Valeu a pena?

Fonte: Santos, 2019, adaptado de Droga e Humphrey, 2002.

4. Exemplos de discursos de TILS não heteronormativos, à luz da Avaliatividade

Ao analisarmos discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), torna-se evidente como as relações sociais, ideológicas e afetivas se manifestam nos usos da linguagem, particularmente nas experiências vividas em contextos profissionais e identitários marcados por múltiplas opressões. Nesta seção, apresento trechos de

entrevistas com intérpretes (Chamamos de Kim e Marley nesse artigo) que relatam situações de julgamento, estigmatização e exclusão dentro da própria comunidade surda – espaço que, embora também marcado pela luta por reconhecimento enquanto minoria linguística e cultural, revela-se, em certos casos, permeado por discursos normativos e excludentes (Santos, 2019).

A seguir, destacamos a fala de Kim, uma intérprete que compartilha sua vivência enquanto lésbica e participante ativa de movimentos sociais ligados à causa LGBTQIA+. Seu relato evidencia a complexidade das interações entre minorias dentro da própria comunidade surda:

“A gente espera que, como a comunidade surda é uma minoria também, que eles entendessem melhor a causa (...) o tratamento dado por alguns surdos antes de me assumir lésbica e depois (...) foi completamente diferente”.

A partir dessa narrativa, observamos a presença de processos mentais (esperar, entender) e materiais (participava, fazendo, começaram), que revelam julgamentos de estima social negativa e um incômodo explícito com o preconceito vivenciado. Quando Kim relata as reações de surdos evangélicos e a associação entre sua atuação como intérprete e sua identidade sexual – **“tu é intérprete dos ‘viados’”** – nota-se o processo relacional sendo utilizado para delimitar pertencimentos e reforçar estigmas. Em sua resposta – **“sou intérprete de Libras, para qualquer necessidade”** – há a reafirmação de sua função profissional frente à tentativa de rotulagem. A análise dessas escolhas linguísticas permite compreender como os discursos se organizam para resistir, negociar ou mesmo internalizar relações de poder, tornando visíveis os atravessamentos identitários no exercício da interpretação em Libras (Santos, 2019).

No discurso de Kim, é de se observar que os segmentos oracionais denotam a presença de Julgamento de estima social negativa. Percebi também a presença de processos do tipo mental (espera, entendessem) e do tipo material (participava, fazendo, começaram). Ao tratar da comunidade surda, Kim nos diz: **“a gente espera que eles entendessem melhor a causa”**, por exemplo. Esta frase evidencia o tom retórico de Kim, ao dizer que, como os surdos também são minoria, ela acha negativa a falta de suporte de alguns surdos para com intérpretes gays e lésbicas.

Outro ponto relevante é que o ator envolvido nas orações está relacionado à experiência da narradora, afinal Kim conta sua história. Os verbos do processo material narram a experiência de Kim de conhecer a comunidade não heteronormativa e suas lutas dentro de uma ONG. Ela disserta como desejaria que a comunidade surda, como também são uma minoria **“entendessem melhor a causa”**, mostrando que acredita que esta seria uma atitude natural de uma minoria para com outra. Dessa forma, se percebe a concepção que, após Kim ter contato com a comunidade LGBT, ela foi estereotipada como a **“intérprete dos gays/lésbicas”**.

Segundo Nunan (2003), é importante reconhecer que a carga histórica negativa associada à homossexualidade ainda atua como um obstáculo significativo para que muitas pessoas se sintam seguras em **“assumir”** sua identidade ou em reconhecer publicamente vínculos afetivos e sociais

com pessoas LGBTQIA+. Para outros, esse histórico desfavorável contribui para a manutenção de estigmas de desonra e vergonha, que acabam por recair também sobre aqueles que convivem com essa minoria. Destaquei também, os processos do tipo relacional, que retratam a reação dela às colocações dos surdos no contexto não heteronormativo, caracterizada pelo processo relacional, verbalizado pelas falas de outros surdos com os processos verbais **“dizer”** e **“falar”** (Santos, 2019).

Percebi o processo relacional de resposta de Kim, ao dizer:

“(...) não, eu sou intérprete de Libras. Não sou intérprete de nenhum grupo. Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade”. “Aí ele ficou fazendo piadinha e tal (...)”

Fica evidente seu incômodo com as ‘acusações’ feitas pelo surdo em questão. A fala dos surdos, tal como relatada por Kim, evidencia que ainda persiste um certo estranhamento por parte de membros da comunidade surda ao classificá-la como **“intérprete dos viados”**, por atuar junto ao público LGBTQIA+. A associação entre interpretar para pessoas não heteronormativas e uma suposta preferência pessoal — comparável a **“gostar mais de geografia do que de biologia”** —, expressa por meio do processo relacional **“ser”**, revela uma compreensão distorcida da função do intérprete. Tal visão reduz a prática profissional a uma escolha subjetiva, quando, na verdade, interpretar deve ser um exercício ético e técnico voltado a qualquer público, independentemente de identidade de gênero ou orientação sexual (Santos, 2019). Abaixo, alguns trechos analisados:

(1) (...)“tu é intérprete de biologia, gosta mais da geografia... tu é intérprete dos ‘viados’” (Kim)

(...) tu	É	intérprete de biologia, gosta mais da geografia...	Tu	É	Intérprete dos ‘viados’
Portador	Processo relacional	Atribuir características (atributo)	Portador	Processo relacional categórico	Categoria de público atendida por Kim – atributo

Ainda assim, ao responder enfatizando ser **“intérprete de Libras”**, Kim revela uma necessidade clara de afirmar sua identidade profissional. Essa auto afirmação se torna especialmente evidente no uso do advérbio de negação **“não”**, por meio do qual ela rejeita a ideia de atuar exclusivamente com qualquer grupo específico, reforçando que sua função é atender a todas as demandas comunicativas, sem restrições identitárias (Santos, 2019).

(2) Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade”. (Kim)

Sou	Intérprete	de Língua de Sinais	Para	Qualquer	Necessidade
Processo relacional	Identificação atributiva	Especificação atributiva	Preposição	Pronome indicativo de neutralidade	Neutralidade de serviços

Outro aspecto relevante observado na fala de Kim é o uso do termo **“nenhum”** ao afirmar que não é intérprete de **“nenhum grupo específico”**. Essa escolha lexical reforça sua tentativa de romper com a associação entre sua identidade sexual e a ideia de pertencimento exclusivo a um grupo, buscando reafirmar sua neutralidade como profissional da interpretação. A estrutura oracional que emprega o processo relacional **“sou”** carrega um caráter atributivo, no qual Kim busca se posicionar de forma neutra e acessível a qualquer público surdo, independentemente de marcadores identitários. Sua fala revela, portanto, não apenas uma defesa de sua prática profissional universalista, mas também um desconforto frente à categorização que tenta limitar sua atuação a públicos específicos com base em sua orientação sexual (Santos, 2019).

Esse movimento de busca por reconhecimento plural se repete na fala de Marley, outro participante da pesquisa, cuja reflexão se destaca pela complexidade de seu posicionamento frente aos discursos de parte da comunidade surda. Em seu depoimento, Marley articula diferentes tipos de processos linguísticos – mentais, materiais e relacionais – que revelam não apenas uma leitura crítica do contexto, mas também emoções e julgamentos relacionados ao comportamento de alguns surdos.

Ao declarar: **“eles estavam cegos realmente em relação ao fato que eles não estavam sozinhos nessa caminhada”**, Marley sugere que há uma limitação perceptiva por parte de certos sujeitos surdos no reconhecimento de outras lutas minoritárias, como a LGBTQIA+ e a negra. Utilizando verbos como **“pensar”**, **“traçar”** e **“ver”**, ele ativa processos mentais que evidenciam a reflexão sobre o isolamento das lutas surdas. A presença de julgamentos de sanção social é notável, principalmente quando Marley afirma que **“eles não conseguem ver a importância de traçar esses paralelos”**, sugerindo que essa falta de conexão entre movimentos representa uma falha na construção de solidariedades. A escolha dos adjetivos **“confusos”** e **“cegos”**, ainda que metafóricos, reforça a avaliação negativa sobre esse tipo de postura, marcada pela ausência de interseccionalidade. Ao final, Marley propõe que reconhecer a coexistência e o entrelaçamento das lutas sociais pode ser não apenas estratégico, mas também enriquecedor para a própria comunidade surda (Santos, 2019).

(3) (...) Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente. (Marley)

(...) Eu	Nunca	consigo pensar assim	situações de preconceito	isoladamente
Experenciador	Circunstância de extensão	Processo mental – uso do assim depois do verbo – denota incerteza	Fenômeno	Circunstância de modo

(4) Só que eu fico confuso, (...) (Marley)

Só que	eu	fico	confuso
Circunstância de contingência	Experenciador	Processo Relacional	Atributo

(5) (...) eles estavam traçando todo esse caminho de luta (Marley)

Sou	Intérprete	de Língua de Sinais	Para	Qualquer	Necessidade
Processo relacional	Identificação atributiva	Especificação atributiva	Preposição	Pronome indicativo de neutralidade	Neutralidade de serviços

Os desafios enfrentados por intérpretes de Libras que fogem às normas heteronormativas tornam-se evidentes não apenas na resistência de alguns membros da comunidade surda em aceitá-los, mas também nas diferentes formas de preconceito e questionamento que enfrentam em sua prática profissional. Artl (2015), ao investigar intérpretes de Língua de Sinais Americana, identificou que intérpretes cujas características de gênero não se encaixam nas expectativas sociais frequentemente não são percebidos pelos clientes surdos como detentores de qualidades desejáveis, como compaixão, simpatia, autoconfiança e liderança. Essa realidade ressoa nos relatos de Marley, que descreve situações em que homens surdos heterossexuais rejeitavam a interpretação de homens gays ou mulheres na transposição da Libras para o Português oral.

Marley traz um exemplo claro desse preconceito ao relatar a exigência de um surdo por um intérprete homem, heterossexual e que tivesse uma voz que **“combinasse”** com a sua. Ele expõe essa situação de maneira crítica e irônica:

“Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. Ah, para combinar, então não tem, só tem a gente, e agora? Não quer voz? Que aí você avisa lá que você não quer. Aí ele teve que escolher. Mas, assim, tu ouvir um negócio desse... aí tu fala que não é machista, não, não é machismo. (...)” (Marley)

A análise linguística do discurso de Marley revela a presença de julgamento de sanção social, especialmente no que se refere à ética, ao criticar a postura do surdo que recusava intérpretes mulheres ou gays. O processo mental **“querer”** surge repetidamente, enfatizando a demanda do surdo por um intérprete que atendesse a uma expectativa masculina e heterossexualizada. Além disso, o processo verbal **“falar”** aparece quando Marley ironiza a tentativa de negar que essa atitude seja machista: **“aí tu fala que não é machismo”**, frase que se repete, reforçando sua indignação com a situação.

Esse tipo de comportamento se alinha à definição de machismo proposta por Drumont (1980), que o descreve como um sistema de representações simbólicas que mistifica relações de dominação e sujeição entre homens e mulheres. O caso narrado por Marley ilustra como essa lógica também se aplica ao contexto da interpretação, onde o intérprete heterossexual masculino é visto como mais adequado ou legítimo. Além disso, a estrutura patriarcal da sociedade perpetua a visão de que o homem deve ocupar posições de liderança e autoridade, conceito reforçado no ambiente de trabalho, como sinalizado por Marley.

A resistência de Marley a essa imposição fica evidente quando ele desafia a exigência do surdo, perguntando: **“não tem, só tem a gente, e agora?”**. Esse questionamento, formulado de maneira retórica, sinaliza sua oposição à naturalização da necessidade de um intérprete que corresponda a um ideal masculino-heterossexual. Ao utilizar a expressão **“não quer voz?”**, Marley emprega ironia para expor a incoerência do pedido, visto que o papel do intérprete é essencial na comunicação, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Além disso, o uso repetido do pronome **“você”** na frase **“que aí você avisa lá que você não quer”** transfere ao surdo a responsabilidade de justificar sua decisão, reforçando a crítica à discriminação implícita na escolha.

Enquanto Marley não menciona mudanças no tratamento após esse episódio, Kim viveu uma experiência diferente. Em seu relato, fica claro que, após assumir publicamente sua identidade lésbica, sua dinâmica de interação com a comunidade surda mudou significativamente. Ela explica:

“Mas não teve uma rejeição assim – ‘não quero ela como intérprete’ – mas quando eu assumi ser lésbica, mais ou menos no primeiro ano foi um bafafá né? (...)” “(...) Na rua que essa guria (a namorada na época) morava um surdo gay, que eu trabalhava como intérprete para ele, quando ele me viu com ela, ele pirou, reação super positiva, bem tranquilo. Ele foi contando pros outros surdos e eu não tinha porque ter vergonha daquilo, então eu confirmava que sim, que ‘tava’ namorando, em nenhum momento eu pensei em esconder.”

Kim também relata:

“Teve várias reações né, uma guria queria investigar minha vida, saber como era transar com mulher, sei lá, vai no Google, vê uns filmes, isso é bem particular. – Não, eu quero saber como tu faz – daí eu falava – não, isso é muito íntimo, não quero falar contigo sobre isso. Porque eu sou tua intérprete, não quero falar sobre isso. A guria começou a me encher o saco (...) por exemplo, passava uma mulher e ela olhava e eu ficava na minha, porque eu não fico olhando pra toda mulher que fica passando e aí ela me cutucava e dizia – tu viu? – e eu dizia – o que? – e ela dizia – aquela mulher, tinha a bunda bem bonita - e eu – não notei (...) Então ela achava que eu era tarada, sei lá... tive de dar uns cortes nela, porque ela queria saber das minhas intimidades. Eu dizia: desculpa, eu sou tua intérprete, eu não sou tua amiga. Depois disso, nunca mais fui escalada como intérprete para ela, acho que ela reclamou.” (Kim)

No relato de Kim, identificam-se traços de Afeto, evidenciados por expressões como **“ele pirou”**, **“não tinha porque ter vergonha daquilo”** e **“a guria começou a me encher o saco”**. Esses elementos revelam como ela se sentia diante das situações que vivenciava. Além disso, o julgamento de propriedade aparece quando menciona que não houve uma rejeição explícita, mas que sua revelação gerou um **“bafafá”**, sugerindo um impacto social significativo.

A análise também revela processos mentais e materiais, como **“uma guria queria investigar minha vida”** e **“queria saber como era transar com mulher”**, demonstrando a invasão de sua privacidade e a curiosidade inadequada de algumas pessoas. O uso do processo mental **“saber”** e do processo relacional **“era”** na frase **“saber como era transar com mulher”** reforça o desconforto de

Kim com a fetichização de sua orientação sexual, algo que se torna ainda mais explícito na tentativa da surda de forçá-la a participar de conversas invasivas sobre sua intimidade.

A recepção diferenciada da identidade de Kim dentro da comunidade surda reflete a complexidade das relações sociais nesse espaço. Como apontam Daniel e Baudry (1977), há três posturas possíveis da sociedade em relação à homossexualidade: aprovação e valorização, indiferença ou neutralidade, e reprovação e condenação. A experiência de Kim ilustra essas três dimensões, variando desde a aceitação entusiástica do surdo gay até o desconforto e a rejeição implícita de outros membros da comunidade.

A comunidade surda, como parte da sociedade mais ampla, reproduz as mesmas contradições e preconceitos que permeiam os espaços ouvintes. Como destacam Abreu, Silva e Zuchiwschi (2015), os surdos frequentemente enfrentam estigmas interseccionais, nos quais fatores como gênero, orientação sexual, raça e classe social se sobrepõem à questão da deficiência. No caso de Kim, essa interseccionalidade ficou evidente na forma como sua identidade não heteronormativa influenciou sua aceitação e o tratamento que recebeu dentro do espaço profissional.

Dessa forma, tanto Marley quanto Kim trazem relatos que evidenciam como a identidade de gênero e a sexualidade dos intérpretes de Libras ainda são elementos que influenciam sua atuação e reconhecimento profissional, revelando as tensões e desafios vividos por aqueles que rompem com as normas heteronormativas nesse campo.

(6) (...)“uma guria queria investigar minha vida,(...)”. (Kim)

(...) uma guria	Querida	Investigar	Minha vida	Saber	como
Ator	Processo mental	Processo material	Meta	Processo mental	Categoria de público atendida pelo experienciadora

(7) (...) “saber como era transar com mulher.” (Kim)

(...) saber	Como	Era	Transar	Com	Mulher.
Processo mental	Advérbio de modo	Processo relacional	Processo material	Preposição – relacionado a	Atributo – alvo da curiosidade

A fala desta surda revela o processo relacional “**saber**”, evidenciando sua curiosidade em compreender o processo material “**transar com mulher**”, destacando que o interesse era direcionado especificamente à própria Kim: “**não, mas eu quero saber de você**”.

O incômodo de Kim diante dessa situação gera uma resposta direta e imperativa, demonstrando limites com a utilização do processo material “**vai no google**” e do processo comportamental “**vê uns filmes...**”. A curiosidade da surda sobre a identidade lésbica de Kim não se restringiu a esse momento: segundo Kim, diversas perguntas e atitudes indiscretas foram direcionadas a ela, refletindo reações à sua “**nova realidade**”.

Sobre essa questão, embora políticas públicas e internacionais avancem na promoção da acessibilidade e da qualidade de vida em saúde e educação para pessoas surdas, ainda é perceptível a

escassez de ações e publicações que “incentivem a inserção afetiva e sexual destas pessoas” (Maia; Ribeiro, 2010, p. 160). Isso evidencia tanto o desconhecimento dentro da própria comunidade surda quanto da sociedade em geral sobre temas ligados à sexualidade dessa população.

No caso de Kim, percebe-se uma curiosidade insistente por parte da surda que interpretava. As perguntas, embora invasivas, não podem ser automaticamente classificadas apenas como indiscrição. Conforme discutido anteriormente, a forma como muitos surdos compreendem suas próprias identidades sexuais — e as dos outros — pode ser limitada, permeada por julgamentos prévios. Como observa Glat (2004, p. 6):

“Em outras palavras, no caso de jovens com deficiências, aos preconceitos quanto à sua sexualidade e às dificuldades de difusão de informações e orientações sobre sexo por parte dos adultos significativos, agregam-se a processos excludentes e estigmatizantes, que dificultam ainda mais sua inclusão social, e os tornam mais sujeitos a problemas nessa área (Glat, 2004, p.6).”

Nesse sentido, o excerto de Kim corrobora com o relato de Marley, especialmente quanto aos limites que impõe diante da insistência. Em sua narrativa, Kim utiliza diversas formas negativas: **“não, isso é muito íntimo...”**, **“não fico olhando...”**, **“não notei”**, e **“não sou tua amiga”**. De acordo com Fairclough (2001), a negação é frequentemente empregada com finalidades polêmicas. Assim, os enunciados de Kim não apenas descrevem, mas também confrontam e delimitam — no plano discursivo — o conteúdo das perguntas (**“tu viu?”** / **“o quê?”**) e as insinuações feitas por sua interlocutora no contexto profissional. Semanticamente, Kim impôs limites claros à surda ao afirmar que **“não era sua amiga”**, sinalizando que os detalhes desejados não seriam compartilhados naquele ambiente.

Conclusão

A análise dos discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), evidencia como a linguagem se constitui como espaço de resistência, disputa e (re)construção de identidades em contextos marcados por normatividades de gênero. Os relatos de Kim e Marley, apresentados neste estudo, revelam experiências atravessadas por preconceitos que se manifestam tanto nas interações com a comunidade surda quanto nas dinâmicas institucionais. As análises realizadas permitiram identificar processos mentais, materiais e relacionais carregados de avaliações afetivas, julgamentos éticos e apreciações valorativas, que apontam para as tensões vividas por esses profissionais ao performarem suas identidades e atuarem em espaços que ainda os categorizam de maneira restritiva.

Nesse sentido, a LSF, articulada à Análise Crítica do Discurso, mostrou-se um instrumental potente para desvendar os sentidos implícitos nas escolhas linguísticas desses intérpretes e compreender como as ideologias de gênero e sexualidade operam no cotidiano da prática tradutória. Ao lançar luz sobre as experiências de TILS que não se enquadram nos moldes heteronormativos,

este estudo contribui para ampliar os debates sobre acessibilidade, inclusão e reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o campo da interpretação em Libras, apontando a necessidade de políticas públicas e formações profissionais que considerem a diversidade como parte indissociável da competência ética e técnica.

Referências

- ABREU, M.; SILVA, A. A. C. da; ZUCHIWSCHI, B. M. Sexualidade e deficiência: representações e preconceitos no discurso educacional. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 21, n. 4, pp. 605-620, 2015.
- ARTL, S. S. *Multiple identities in interpreter education: the role of the language of wider communication*. 2015. Tese (Doutorado) – Gallaudet University, 2015.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CABRAL, S. S. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.
- CABRAL, T. R. Avaliatividade: análise de textos da mídia. In: FUZER, C.; CABRAL, T. (org.). *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2014. pp. 105-138.
- COSTA, R. M. de S. *A educação de surdos sob o olhar das mulheres surdas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- DANIEL, L.; BAUDRY, H. *Homossexualidade: da rejeição à libertação*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- DROGA, L.; HUMPHREY, S. *Getting started with functional Grammar*. Sydney: Target Texts, 2002.
- DRUMONT, M. *Machismo: um conceito político*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. 2. ed. London: Longman, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FUZER, C.; CABRAL, T. R. *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2012.
- GLAT, R. A educação inclusiva e os desafios da formação docente. *Revista Educação Temática Digital*, Campinas, v. 6, n. esp., pp. 1-14, 2004.
- GOUVEIA, C. A. M. *Discurso e identidade de gênero na mídia*. São Carlos: Pedro & João, 2009.

- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.
- HASAN, R.. *Linguistics, Language and Verbal Art*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HASAN, R. *Ways of saying, ways of meaning: selected papers of Ruqaiya Hasan*. Organized by Carmel Cloran, David Butt & Geoff Williams. London: Cassell, 1996.
- HEBERLE, V. M. Análise crítica da avaliação em gêneros do discurso da mídia impressa. In: FUZER, C.; CABRAL, T. (org.). *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2017. pp. 25-55.
- LIMA, L. O.; FACCIN, A.; FUZER, C. Notícias esportivas declarativas e atributivas: uma análise sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional. *Cadernos do IL*, v. 44, p. 203-224, 2012.
- MAIA, A. C. P.; RIBEIRO, M. A. Sexualidade de jovens surdos e cegos. In: AMARAL, M. I.; SILVA, J. G. C. da (org.). *A questão da sexualidade na educação de pessoas com deficiência*. Brasília: MEC, 2010. pp. 153-162.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: FASOLD, R.; CONNOR-LINTON, J. (ed.). *An introduction to language and linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MEURER, J. L. *Linguística sistêmico-funcional e análise crítica do discurso*. Calidoscópio, Porto Alegre, v. 5, n. 1, pp. 12-28, 2007.
- MOREIRA, A. C. S. *A mulher surda e o seu corpo: uma história silenciada*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- NUNAN, D. *Practical English language teaching*. New York: McGraw-Hill, 2003.
- SANTOS, Saionara Figueiredo. *Identidade, resistência e discurso: uma análise sistêmico-funcional de TILS não heteronormativos*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- VIAN JR., J. A. Avaliatividade e discurso: reflexões introdutórias. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 54, n. 2, pp. 233-250, 2012.
- WEBSTER, J. *Language and meaning: studies in semiotics*. London: Continuum, 2009.
- WHITE, P. R. R. *Telling media tales: the news story as rhetoric*. Sydney: University of Sydney, 2004.